



Entre o córrego e a cidade: caminhos para a requalificação de áreas de córrego em territórios marginalizados

Beatriz Neves Cândido e Dr. Carlos Quedas Campoy

Universidade São Judas Tadeu

Arquitetura e Urbanismo, campus Santana, prof.carloscampoy@ulife.com

Introdução

O trabalho “Entre o córrego e a cidade” analisa a requalificação de áreas de córrego em territórios periféricos, com foco no Parque Novo Mundo (SP). Baseia-se em Soluções Baseadas na Natureza (SBN), unindo infraestrutura verde, gestão comunitária e inclusão social. A pesquisa usa o BIM/Revit como ferramenta de análise e proposição projetual, defendendo que requalificar córregos é promover justiça socioambiental e ressignificação do espaço urbano.

Explora como a urbanização desigual gerou periferias marcadas por vulnerabilidades sociais e ambientais. O estudo parte da ideia de que os córregos, antes estruturadores, tornaram-se fronteiras de exclusão. Analisa como revertêr esse cenário por meio de estratégias sustentáveis e participativas, articulando políticas públicas, engajamento social e soluções ecológicas. O objetivo é desenvolver diretrizes que reintegrem os córregos ao cotidiano urbano, fortalecendo o pertencimento e a qualidade de vida.

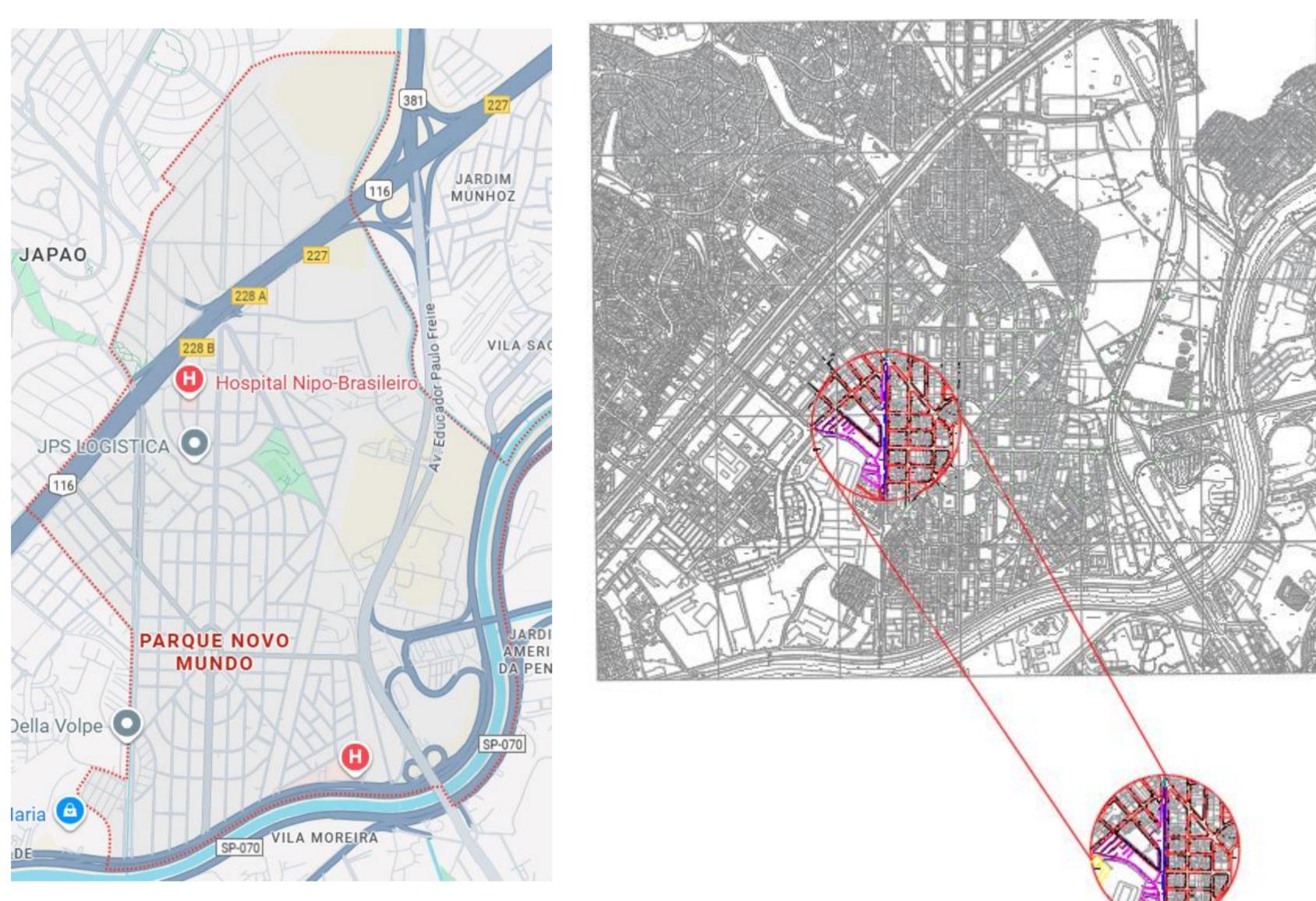


Figura 1. Localização da área de pesquisa. Fonte: Acervo do Autor

Objetivos

O trabalho busca analisar os impactos socioambientais do córrego do Parque Novo Mundo e propor diretrizes de requalificação baseadas em Soluções Baseadas na Natureza (SBN). Entre os objetivos específicos estão identificar problemas ambientais e urbanos, compreender a percepção comunitária e desenvolver estratégias que integrem infraestrutura verde, inclusão social e tecnologia BIM como ferramentas de transformação urbana.

Metodologia

A metodologia combina procedimentos qualitativos e quantitativos, articulando análise teórica, observação de campo e experimentação projetual. O primeiro eixo metodológico consistiu em uma ampla revisão bibliográfica sobre urbanização periférica, justiça ambiental e direito à cidade.

O segundo eixo envolveu diagnóstico territorial e levantamento empírico, com mapeamento físico, registros fotográficos e conversas com moradores. Essa etapa permitiu compreender as dimensões simbólicas e sociais do espaço, evidenciando tanto os problemas de infraestrutura quanto os vínculos afetivos da comunidade com o córrego. A metodologia seguiu diretrizes priorizando a análise interpretativa e a leitura integrada do território.

O terceiro eixo metodológico foi a modelagem projetual com o BIM/Revit, que possibilitou simulações ambientais e urbanísticas de propostas de requalificação. A abordagem digital permitiu integrar variáveis técnicas, ecológicas e sociais em um mesmo modelo tridimensional, testando soluções de drenagem, vegetação e uso do solo. Esse processo resultou em um roteiro metodológico replicável, baseado em cinco etapas — da limpeza e drenagem até a gestão comunitária — consolidando um método que une tecnologia e participação social.

Resultados continuação

A pesquisa identificou condições de degradação e vulnerabilidade, mas também fortes vínculos simbólicos entre a comunidade e o córrego. As propostas de requalificação resultaram em melhoria da drenagem, aumento da permeabilidade e criação de espaços públicos integrados, reduzindo riscos ambientais e fortalecendo o pertencimento social.



Figura 2. Área de Intervenção e propostas. Fonte: Acervo do Autor

Conclusões

Conclui-se que requalificar córregos é uma forma de reconectar cidade e natureza, promovendo justiça socioambiental e inclusão urbana. O uso do BIM/ Revit consolidou-se como instrumento de integração entre análise técnica e engajamento comunitário, mostrando que as periferias podem se tornar laboratórios de inovação sustentável quando o projeto alia tecnologia, participação e sensibilidade territorial.

Bibliografia

- ACSELRAD, Henri. *Justiça ambiental e Construção Social do Risco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/download/22116/14480>. Acesso em: 28 out. 2025.
EASTIMAN, Chuck et al. (orgs.). *BIM Handbook: A Guide to Building Information Modeling for Owners, Designers, Engineers, Contractors, and Facility Managers*. 2. Ed. Hoboken: Wiley, 2011. GEHL, Jan. *Cidade para Pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2010. JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 1961. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2019. LEFEBVRE, Henri. *Le Droit à la Ville*. Paris: Anthropos, 1968. MACEDO, Silvio Soares. *Paisagem, Planejamento e Projeto*. São Paulo: Edusp, 2012. MARICATO, Ermínia. *O impasse da Política Urbana no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2011. MC HARG, Ian. *Design with Nature*. New York: Doubleday/ Natural History Press, 1969. ROLNIK, Raquel. *Guerra dos Lugares: A Colonização da Terra e da Moradia na Era das Finanças*. São Paulo: Boitempo, 2015. SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993. SPIRN, Anne Whiston. *The Granite Garden: Urban Nature and Human Design*. New York: Basic Books, 1984.
TUNDISI, José Galiza; MATSUMURA-TUNDISI, Takako. *Recursos Hídricos no Brasil: Problemas, Desafios e Estratégias de Gestão*. São Paulo: Oficina de Textos, 2016. UNESCO. *Nature-Based Solutions for Water*. Paris: UNESCO, 2019. YIN, Robert K. *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Agradecimentos

A Deus, pelas oportunidades oferecidas e pensadas com tanto carinho. Aos meus familiares, que me apoiaram durante essa trajetória com muito amor e preocupação e propiciaram um solo fértil para me desenvolver. À oportunidade de ingressar em uma iniciação científica e adquirir experiência de vida, conhecimento, criticidade, evolução, resiliência e desenvolvimento de ideias. Ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Quedas Campoy, que conduziu com paciência e esteve disponível a compartilhar todo o seu vasto conhecimento